



## GUILHERME, SUA VIDA, SUA OBRA

Arita Damasceno PETTENÁ

Quando em julho de 1968 o Clube dos Poetas, em seu primeiro ano de existência, convidava Guilherme de Almeida para que fosse alvo das homenagens de sua terra, mal poderia imaginar o Príncipe que dela já estivesse se despedindo, tais as manifestações de carinho e de ternura haveria de receber de “Sua Alteza, a Princesa do Oeste”. E num jantar memorável, que se realizou a 20 de dezembro, na cabana do Círculo Militar, sob a Presidência de Rodolpho Pettená, Guilherme, em sua Elegia a Campinas, repetia, de início, a mensagem de sua entrada na Academia Brasileira de Letras: “O príncipe não é o principal. O principal é haver, entre as muitas terras do utilitário mundo de hoje, uma terra útil que ainda sonha”. E agora acrescentava: “Ora essa terra útil que ainda sonha porque acredita nos poetas, essa terra, neste instante, é esta nossa, bem nossa, sempre nossa, cada vez mais nossa Campinas”. E à certa altura, conclama, emocionando: “Campinas, amorosa amada minha de vós trazendo a luz do meu primeiro dia,/ o amor dos meus e o amor aos meus,/ eu deixei de ser “eu” para ser “nós””.

Seis meses depois, num 11 de julho, que marcava nascimento de Carlos Gomes, morria Guilherme. E São Paulo inteirinha chorou o seu poeta-soldado. E o Brasil espalhava pelos jornais, do mais humilde ao mais conceituado, a vida e a obra e tudo aquilo que ficara inédito do grande poeta paulista. Dele falaram grandes críticos. Poetas irmãos. Os amigos intelectuais. E os suplementos literários do Estadão, em edições quase que sucessivas, trouxeram ao público muito daquilo que nos era desconhecido. Muito da sua, perícia criadora, até então pouco divulgada pela Imprensa.

E que “Guilherme de Almeida é um poeta paulista, brasileiro e universal. E é por sua universalidade que é entendido e compreendido em sua poesia onde quer que haja almas sensíveis à beleza”. Esta a afirmação de Athaide, então presidente da Academia Brasileira de Letras, por ocasião da entrega de um medalhão de bronze, esculpido com a efigie do poeta, quando do cinqüentenário de Nós.

É que “O lirismo de **Nós**, do **Messidor**, de **A Dança das Horas** e de tantos outros volumes de versos haveria de permanecer na memória de quantos lhe seguiram o rico itinerário poético”. Estas palavras textuais de Cassiano Ricardo, num estudo sobre “Guilherme e suas antecipações”, bem retratam a poética do vate campineiro. E a aponta ainda como de há muito precursora da poesia de vanguarda, tal o seu imagismo, a disposição gráfica de muito de seus poemas, o espaço em branco mostrando:

#### VELOCIDADE

Que vai puxando  
 o feixe fino de riscos  
 tiras  
 fitas  
 faixas  
 listas

Dois aspectos ainda, além do visual, não podem ser esquecidos na estética de Guilherme: a tudo recorreu para tornar mais dinâmica a sua poesia, para sempre imortal a sua obra. Os experimentos espaciais, geométricos, plásticos e compositivos fizeram-no não só dos mais ferrenhos adeptos do movimento de 22, mas o modernista respeitado até pelos mais rebeldes conservadores, porque ninguém se lhe podia negar a capacidade nata de criar, o ritmo sempre presente em sua poesia, como se o branco e o negro e o índio dançassem o mesmo batuque de RAÇA:

lendas cheias de lua, de susto,  
 de danças guerreiras em torno  
 de fogos sonâmbulos;  
  
 de mitos, de bichos, de eclipses,  
 de sonhos proféticos,  
 de orgias monstruosas.

Como lírico, dizem os entendidos, “fez versos tão à Camões que o próprio Camões gostaria de assinar”. O crítico Oswaldino Marques enquadra Guilherme como um dos “magos da virtuosidade”. Para Manuel Bandeira, Guilherme “é o maior artista do verso em língua portuguesa”. E nós, que vemos explorados todos os matices de sua poesia, essencialmente lírica, melodicamente trabalhada, não é sem uma emoção estranha que sentimos o nosso “eu” transformar-se em também “nós”. E Guilherme, ora assinando Gui, ora simplesmente G, sabia impor, mais que ninguém, no dizer de Alcântara Silveira, “a sua marca, espécie de brasão que se imprime no lacre ainda quente”. Afinal, para o cronista social que ele fora um dia, o crítico cinematográfico de tantos filmes de sucesso, difícil não lhe era passar para o mistério dos versos, da reticências, o detalhe das descrições. E quando o criticaram de usar, como acadêmico, palavras importadas em suas crônicas, Guilherme, que jamais se preocupara em ser cronista de cinema e que conhecia, mais que ninguém, a vida dos artistas, ao mesmo tempo que ocupava uma cadeira na Academia, assim respondeu, dentro daquela simplicidade que lhe era característica: “Vá na onda! Não seja a pessoa lamentável que protesta por patriotismos grotescos: “Mas isso não é nosso! Onde está a nossa velha modinha? Que será feito do nosso bom maxixe”? Isso não é nosso, meus senhores? Não diga essa notícia insuportável! Isso é nosso sim. Porque isso é do mundo e porque o mundo de hoje está todo estandardizado, e porque o Brasil ainda está no mundo”.

E daí a frequência em Guilherme, conhecedor do vernáculo, de termos como “Higt Hat”, “Show Gril”, “litle honey” como agressão aos que levavam a língua a ferro e a fogo, esquecendo-se de que pequeninas doses de matéria estranha dão, às vezes aquele colorido às coisas que são nossas. E foram essas excentricidades e foi esse gosto pelo exótico que levaram Alcântara Silveira a enquadrar Guilherme na mesma página que o próprio poeta escreveu um dia para Amadeu Amaral: “Os poetas não morrem, porque realmente nunca viveram: refletiram a vida. A existência terrena passa uma água clara sob o céu: aquela água em que alguém se mirou, um dia, e se achou lindo dentro dela, e ficou depois toda a vida pensando naquele momento de beleza”.

“O bruxo da palavra e do pensamento – como o qualificará ainda o saudoso Luso Ventura, já trazia, dentro de si, todos os mistérios da poesia, todas as características de seu gênio criador”. E Paranhos de Siqueira, ao considerá-lo “feiticeiro do verso”, justifica-o dizendo: “Havia nele a imaginação fecunda, fonte incontestável da originalidade de seus versos”.

Uma revista brasileira, ao entrevistar Guilherme, mostrou-nos um poeta, bem na sua intimidade, com suas manias e preferências: “Nasceu em Campinas em 24 de julho de 1890. Casado, tem um filho; altura 1,65; pesa 62 Kg; colarinho nº 37; sapato nº 38. Usa vidros para ler, óculos para o trabalho comum e monóculo para ler em público. Só assiste à missa de 7º dia. Tem cabelos grisalhos. É católico, apostólico, romano. Não tem vizinhos muito próximos, pois mora no topo de uma colina com os dois extremos da vida aos pés: O Estádio do Pacaembu e o cemitério do Araçá. Fuma muito e só cigarros: no mínimo três maços por dia. Só bebe uísque, e escoês. Gosta mais de receber do que fazer visitas. Tem horror ao sol. Nunca jogou, a não ser futebol, quando jovem. Tem verdadeiro horror a vitaminas, por isso não come frutas. Seu prato predileto: qualquer uma da cozinha paulista (cuscuz, leiteira pururuca). Dorme quase de madrugada, pois só escreve à noite. Adora todos os animais, tendo especial predileção pelo cão. Romancista brasileiro de sua predileção: Graciliano Ramos. Pintores brasileiros de sua predileção: Portinari e Di Cavalcanti. Se pudesse recomeçar vida gostaria de ser tabelião numa cidadezinha bem obscura do interior. Adora a música. Seus compositores prediletos: Mozart, Bach e Brahms. Adora Noel Rosa, a quem considera o maior compositor popular do Brasil. Santo de sua devoção: Santo Antonio. Não ajuda a mulher em casa. Só toma banho quente e de chuveiro. Seu escritor preferido: Shakespeare. Dos seus livros publicados prefere: “Livro de horas de Sórora Dolorosa”. Começou a fazer versos aos 14 anos no colégio interno. Acredita piamente em assombração, tendo visto já dois grandes amigos mortos e que não o assustaram. Escreve poesia a mão e artigos de jornal, diretamente à máquina. Leituras prediletas: poesias, fatos policiais nos jornais, crônicas de futebol. É torcedor fanático do São Paulo Futebol Clube. Sua primeira produção literária foi um soneto de molde clássico, influência direta de Antero de Quental (14 anos). Não costuma pensar na

morte. Tem horror a remédio. Detesta viajar de avião e adora viagens marítimas. Só esteve uma vez doente, aos 13 anos. Já teve tifo combinado com febre amarela: julga-se vacinado para o resto da vida. Diz que nunca fez versos, eles é que se fazem. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Considera o Movimento Constitucionalista de 1932, o maior momento da história paulista. Sua maior emoção literária: por ocasião de sua estréia com o livro “Nós”, viu de madrugada uma operária no bonde lendo esse volume. Gosta muito de vestir-se bem: foi o primeiro homem no Brasil a usar relógio pulseira. “Messidor” foi o livro que mais vendeu. É Funcionário Público há 29 anos, sem jamais haver recebido uma promoção. Seu “hob” predileto: aquarela pirotécnica e fazer balões de São João. Esteve preso por ocasião da Revolução de 1932, na sede da Capela. Gostaria de morrer como seu grande amigo Roberto Simonsen: fulminado no seu posto”.

Quando da eleição de Guilherme para a Academia Brasileira de Letras, Campinas não deixou de lhe prestar a homenagem merecida. E no Centro de Ciências, numa noite memorável, Lino Moraes Leme professor da Faculdade de Direito de São Paulo, assim se dirigia a Guilherme: “Como os poetas amais o luar, as estrelas, as palmeiras, os malmequeres, o beijo, a ventura. Ah! O amor faz maravilhas. Dá força ao fraco. Dá coragem ao covarde. Faz temerário o corajoso. Faz delicado o indiferente. Faz alegre o triste”. E Beijos que o diga: Tradutor incomparável, Guilherme ao publicar, em 1936, “Poetas de França”, e trazendo à tona poemas de Ronsard, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine e outros tantos, assim deveria se manifestar: “Para mim, traduzir esses versos foi, também, um ato de reverência em relação a um grupo de poetas que povoaram minhas horas de solidão, conversaram comigo nos momentos em que eu estava em silêncio e comigo sonharam quando eu estava acordado. Seus versos me ensinaram a fazer versos”. Por isso dizeis:

*“Vai, vence! E, vencedor, dirás: Eu, se fui forte,  
se desprezei a vida e se afrontei a morte,  
é que amei, é que amei como ninguém mais ama!  
E quanto não vos devia ter custado ser poeta!...”*

Este é o Guilherme que hoje reverenciamos: o príncipe, o poeta, o cronista, o crítico, o jornalista, o expedicionário, o herói de “Ante a Última Trincheira”. Para Marcelo Dantas, num estudo sobre o “O Poeta de São Paulo”, “Nenhum príncipe de sangue era mais príncipe do que esse campineiro sem posse. Tinha a finesse dos homens cultos, delicados e bons, feitos para aspirar uma flor ou sonhar em esbarros na multidão, dentro e fora do mundo ao mesmo tempo”.

A 9 de julho de 69, ao sentir que a morte se aproximava, e como bom soldado da Revolução, o homem que compusera um dia na Itália, a sua canção do expedicionário, para levar ânimo e coragem a todos os pracinhas, faz agora seu último pedido, como alento na hora última que se aproxima. Pede que a bandeira seja hasteada em sua casa. E ali, ao balanço do vento, lábios muitos trêmulos, ele pronuncia pela última vez: **Bandeira das 13 listas.**